

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 2.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fóra da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jansen e Joao Despuica de Abreu e Silva.

A DESGRAÇA E A POESIA.



que haverá de commum entre a desgraça e a poesia? Existe uma relação reciproca consequente o dilematica: ou a desgraça despertando a poesia, ou a poesia enfranhando o homem na desgraça; porquê lhe move a abnegação para as convivencias e interesses materiaes São a poesia e a desgraça dois elementos distinctos que se unem irmamente, são dois objectos differentes, q' se não ensiumão um do outro, juntos existem no coração humano, no coração do homem que soffre, e que por consequente encara com sentimento sombrio, e merencorio as demais cousas porque elle não lhe pede. A desgraça em hum termo é a felicidade para o Poeta, ella ennobrecce-lhe o coração, sublimo-lhe o padecimento, e o poeta no turbilhão de infortunios é quando se mostra mais puro, original e arrebatador; he quando elle devassa os arcanos da natureza, comprehende a verdade, mede os passos da existencia, e se eleva em adejos fervorosos para junto de Deos; é quando elle a final é rei no que ha de bello e santo, sobre o throno de sua alma no paiz da illusão, no isolamento da solidão; que como diz Alexandre Herculano é a convivencia não travado de perfidia.

Trilhão quasi a mesma senda na vida todos os Poetas.

Será um effeito do acaso; ou uma consequencia lunata filha das decepções que lhe são communs?

Negamos o primeiro caso, abraçamos o segundo.

Identifica-se a vida de Tasso a de Camões: escreveu um a Jerusalem — e o outro os Lusíadas, um encerrado na masmorra e o outro na gruta da India esquecido da Patria.

Fôrão a ambos funestas as inclinações do amor porque ambos libarão o fel amargoso da saudade, porque ambos nos combates do desengano sentirão mirarem se lhes os corações angustiados até que a morte poz termo ao arreigado sofrimento.

Bocage, um desses homens raros em que a natureza do seculo em seculo resume o genio inteiro para um fim,

foi o poeta das inspirações rapidas e sublimes, em que nadavão-lhe as idéas inteiramente originaes, pomposas, profundas, opportunas e ledas, entretanto veja-se como descreve elle mesmo sua vida n'este trecho:

Prazeres! socios meos, o meos tyrannos
Est'alma que sedenta em si não coube
No abysmo vos sunio dos desenganos.

Foi-lhe a existencia breve e amargurada, lutando sempre contra aquelles para quem o seo estro foi um sol eclipsador; uma nuvem que obscurecera mil pigmeos que giravão-lhe em torno. Foi em uma palavra o Byron portuguez.

A sua vida identifica-se com a de Camões, como elle mesmo diz n'este soneto.

Camões! grande Camões! quão semelhante.
Acho teu fado ao meo quando os cotejo,
Igual causa nos fez perdendo o Tejo,
Arrostrar e'o sacrilego gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos qu'em vão desejo
Tambem carpindo estou saudoso amante!

Ludibrio, como tu, da sorte dura,
Meo fim demando do céo pela certesa,
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meo tu és, mas oh! tristesa!
Se te imitto nos trances da ventura,
Não te imitto nos dons da natureza.

Encerra o ultimo terceto a modestia de que era dotado em alguns casos, tanto quanto era desmesuradamente orgulhoso do seo talento singular.

Lamartine e Garrett. — Ambos sentimentaes, profundos e sublimes, como os echos de estranha melodia, que repercutem perdidos nos espacos da solidão, e que os ermos escutão e repetem; melancolicos como a lembrança saudosa de illusões que emballarão com persuasão ingenua, o nosso espirito em noites de esperanza e de prazer.

Exilados, ambos colherão em terra estranha fructos sasonados do saber, na grande arvore da experiencia.

Seos escriptos avultarão na litteratura da Patria de cada um como fontes caudaes, cujas aguas regarão os jardins de gerações successivas; longo irão esses cantos immortaes reiteirar os impulsos dos genios vindouros creando senão o incentivo para mil desenvolvimentos portentosos ao menos mil acolytos apreciadores do fulgor que derramão essas harpas celestes; uma das quaes já se eleva acima de um tumulo a sombra dos cyprestes.

A estos equipara-se e avulta Victor Hugo, uma segunda pagina imitada de Voltaire, que foi talvez o pri-

meiro talento litterato de França — o centimano invencivel pela penna — que só a morte pôde secar a torrente do discurso da fonte rnexgotavel de sua imaginação sã, segura, audaz, profunda e ardente.

Victor Hugo tem podido grangear um nôme a par do commemorado colosso — e igualmente de Chateaubriand, o viajor, e prescrutador das bellezas, historia e mysterios do Oriente. — Ao vigor dos soes da experiencia, das privações e das saudades da patria que lhe tem crestado o viço dos annos, poder-se-ha chamar o brilhante da sciencia, perdu de la chaine ou il devrait avoir sa place convenable.

Album Poetico.

AMAZONA.

Eu vi!... não invento, nem foi illusão.
Dr. Macedo.

Era um dia de festa brilhante
Lá no tôpo da serra fronteira;
Capellinha doirada se erguia
Da montanha, do rio na beira:
Era um dia de grande folgar,
Era um dia de crença e de orar.

Com'o campo coberto de flôres,
Mil barquinhos o rio enfeitavão;
Pardas nuvens toldavão o céu,
Mil ginetes na estrada voavão !...

A pocira que ao longe se erguia,
A'mazona envolver não podia!

Tudo mais entre nuvens perdidas
Meras sombras ao longe se via,
A'mazona sómente — qual astro —
Rompe as trevas, e mais refugia!
Era um anjo, que vinha correndo
Entre os anjos, que vinha vencendo!

Nivea face de um leve carmin,
Leve traço que um Deos desenhára;
Não coral os seus labios molhados,
Branços dentes que a per'la invejára!...
O olhar era olhar, que encantava!...
Quasi negra madeixa enlaçára
Um scr divo, se á terra descera,
Se A'mazona esse dia encontrára!...

Longo, branco vestido deixado,
Qual a tarja da lua no mar...
Corpo escuro, qual pico do cerro,
Onde vai Araponga pousar.

E a fronte soberba occillando
Com meiguice, sem nunca dobrar,
Coroadada de um branco setim,
Casta pluma deixava ondular...

Sobre o dôrso jámais palafrenm
Ostentou tão gentil Amazona;
Bello punho jámais o guiára
Com a graça de tão bella dona.
Se a visse tão linda — Guastalla
A julgara na terra Madona!...
Se Andaluz — em arcoubos clamara
Que mujer tan divina y tan monã!

E o punho seguro domava,
E ao freio o ginete cedia...
E seus olhos travessos matavão,
E a gente — ao miral-a — morria!...

Mas um morrer
Tão deleitoso,
Que eu desejoso
Morrer quizera
A todo o instante,
Todo o momento...
Pois é tormento
Vida sem ella,
Sem esse olhar
Que rouba a vida,
Que torna fida
Promessa vã;

Que tudo muda;
Que faz amar,
Que a liberdade
Faz desprezar !...

M. M.

SONHANDO.

Hier, la nuit d'été qui nous prêtait ses voiles.
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles.
(V. Hugo.)

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo ! que rosa ! que filha de Deos !
Tão pallida ! ao vê-la meu ser devaneia,
Suffoco nos labios os halitos meos.

Não corras na areia,
Não corras assim !
Donzella, onde vais ?
Tem pena de mim !

A praia é tão longa ! e a onda bravía
As roupas de gaza te molha de escuma ;
De noite — ao sereno — a areia é tão fria,
Tão humido o vento que os ares perfuma !

E's tão doentia !
Não corras assim !
Donzella onde vais ?
Tem pena de mim !

A brisa os teus negros cabellos soltou
O orvalho da face te esfria o suor,
Teus seios palpão — a brisa os roçou
Beijou-os, suspira, desmaia de amor !

Teu pé tropeçou...
Não corras assim !
Donzella, onde vais ?
Tem pena de mim !

Deitou-se na areia que a vaga molhou
Immovel e branca na praia dormia,
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia.

O seio gelou !...
Não durmas assim !
O' pallida fria !...
Tem pena de mim !

Dormia ; na fonte que niveo suor !
Que mão regelada no languido peito !
NÃO ERA MAIS ALTO SEU LEITO DO MAR,
NÃO ERA MAIS FRIO SEU GELIDO LEITO !

Nem um ressonar !...
Não durmas assim !
O' pallida fria !...
Tem pena de mim !

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração ;
Eu quero em meus labios teu seio aquecer,
Teu collo, essas faces, e a gelida mão !

Não durmas no mar !
Não durmas assim !
Estatua sem vida.
Tem pena de mim !

E a vaga crescia seu corpo banhando
As candidas formas movendo de leve !
E eu via suave nas agoas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve !

Nas vagas sonhando
Não durmas assim ;
Donzella onde vais ?
Tem pena de mim !

E a imagem da virgem nas aguas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo !
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céu !

Nas aguas do mar
Não durmas assim !
Não morras donzella !
Espera por mim !

Alvares de Azevedo.

Revista.

Contando com a justiça divina os jornalistas de antenão podem regozijar-se com a sublime esperança de merecer pelo menos um seculo de indulgencia no outro mundo, pelas amofinações que tem de padecer n'este.

Não vou enunciar aqui a série d'estas amofinações ; guardo este assumpto para quando quizer tornar-me celebre, dando a luz uma obra de pelo menos 25 volumes in folio. Sómente direi como preambulo, que tive o maior trabalho do mundo, (trabalho digno de fazer o decimo terceiro dos doze de Hercules) para decidir a Sra. Redacção á aceitar a presente revista.

Como todos, também a Redacção tem o seu cavallo de batalha, para encobrir o seu acanhamento, assusta-se de qualquer criticasinha, e atira-me logo no rosto estas palavras :

— Sr. Freguez, esta revista pecca contra o nosso programma !

Ora, meus Srs., que culpa tenho eu que o seu programma seja tão exiguo, que em lugar de criarem-se azas para voarem, contentassem-se com moletas ? Quero fallar á meu gosto, logo que tive que dizer, — e senão... sou seu criado.

Depois d'esta resposta cathgorica, a Sra. Redacção, que á par de seu acanhamento é grata por excellencia, como os Srs. assignantes tiverão bastante occasião de ver, e temendo talvez ao mesmo tempo de perder as remessas de seu freguez, aceitou por fim esta, e ali vai.

« Toda a lei é um mal ! »

Este axioma, proferido pela boca de um grande diplomata (qual ? não sei mais, nem tenho obrigação de sabel-o porque, com quanto que digão, não sou cabeça encyclopedica) este axioma, commentado ao depois por muitos d'aquelles que se occupão com o « bem da humanidade » não surgiu agora para disputal-o, citei-o unicamente para fazer algumas reflexões sobre uma lei, edital ou cousa que o valha, que tem occupado muitissimo a opinião publica, sem ter sido commentada por publicista algum.

Fallo do edital da presidencia, que prescreve a visita policial e a producção de passaportes por parte dos estrangeiros a bordo de nossos vaporesinhos.

Dizem, (talvez as más linguas ?) que este edital, a par das vexações particulares que causa aos viajantes, é capaz de paralisar pouco a pouco o nosso commercio, reduzir a industria ao passo do caranguejo, e finalmente arruinar os proprietarios dos vapores, impedindo muitos passageiros de seguir a sua viagem.

Quanto a questão dos passaportes, continuem as más linguas ? reconhecco-se já em lugar competente que andava coxeando... prova é, que para os que vão para S. Leopoldo, já se deu a dispensa. Porém para o Rio Pardo ainda existe. O elemento primo para o desenvolvimento do commercio e para a industria, é a faculdade de effectuar com a maior rapidez a idea concebida.

Ora, não temos « rail-ways » em compensação, temos pela mór parte pessissimas estradas ; as melhores de todas ainda são as nossas vias fluviaes. Compre pois fazer tudo para melhorar esta situa-

ção, e em lugar d'isso, poz-se-lhe moletas, imitando a redacção do Guayba no seu programma.

Chega, v. g. um negociante estrangeiro de fóra, nas horas em que as repartições policiaes estão feixadas ; um negocio de urgencia o obriga de seguir no dia seguinte para o Rio Pardo ; ás horas da partida, as repartições ainda não se abrirão.... e por falta do passaporte,... que foi impossível adquirir... o negociante vê-se obrigado de perder trez dias na capital, esperando o proximo vapor ! Trez dias inutilizados !!! O que dirião á isso os Srs. Inglezes com seu famoso axioma : Time is money ???

A visita policial em si mesma não é um inconveniente (posto que não lhe reconheço por ora utilidade alguma, porque um malfeitor e criminoso, gente em geral mui ladina, não escolherá o trapiche d'alfandegá para ponto de partida de sua fuga) não é um inconveniente, digo eu, sendo feito o serviço com a pontualidade que exige o elemento a que chamamos « vapor. » Infelizmente não tem acontecido assim, visto que por diferentes vezes o vapor ficou bordejando por meias horas esperando a tal visita, queimando a sua lenha pelo rei da Prussia, e vendo seccar na sua caldeira a agua á ponto de expôr os passageiros a usurpar os direitos dos passaros... isto é : voarem pelos ares ! De outro lado, o vapor que chega, tem de esperar no rio a visita policial, que n'este caso, não repartilha o privilegio das festas, das quaes se diz : o melhor é esperar por ella. Principalmente resentem os passageiros vindos de S. Leopoldo esta demora, porque não recebendo comida alguma á bordo, chegam aqui esfomeados, e vêem-se condemnados á um jejum fóra do tempo. Não duvido que no outro mundo lhes seja tido em conta este jejum, porém... seria melhor deixar esta abstinencia a espontaneidade.

Até aqui fallou a opinião publica pela boca do humilde freguez ; agora o freguez, reconciliador como sempre, depois de ter descripto as inconveniencias do edital, recorda que em compensação também traz comigo uma cousa agradável, que consiste em poder ler nos jornaes da terra, em lettra redonda o nome dos que chegam á capital e que d'ella se ausentão.

Deixo a considerar se este bem compensa o mal, e, amante dos contrastes, e amigo de Garrick que com um lado da cara ria-se, quando com o outro chorava, passo a outro assumpto.

A subordinação dizem os veteranos, é a primeira e melhor virtude do soldado ; por tanto diz-me a madama Redacção marchar, que quere-

mos revista! Isto é logico se sua senhoria macha, e eu fosse soldado; porque em verdade meu pai foi formidavel expertalhão quando se fez negociante matriculado, para assim evitar que cá o rapaz pertencesse a briosa, porém sabio-lhe o triumpho al revéz desertei da taberna e eis-me nas fileiras de Mavorte!

Todavia vou cumprir seus desejos desde que me disse, Sr. Freguez V. S. depois que assentou praça está mais agradável em suas fileiras noticiosas.

Como não me recordão queirão dispensar, não sei se já lhes contei que andei lá pela misericordia, que vi, ouvi rezei; e, Deos me perdõe, fiz peor que as mulheres quando se juntão, e tem a infelicidade de aparecer por alli alguma elegante do seculo passado.

Gosto de ver as minhas amigas tão bem ataviadas, e assim cobertas de luxosas sedas nos grandes sarãos (não vão pensar que fallo do Soirée) porém alli, em uma casa de dôr e soffrimentos phisicos e moraes, acho como que um escarneo aos males do proximo, ou antes (para que Vms. não me excommuquem) parece-me que as amigas tomão essa visita dos enfermos, como um passeio ao Museu, so assim é perdo-o-lhes, porém como amigo, lhes direi, que um trajar modesto uma pequena bolça na rasão da fortuna de cada uma, uma frase consoladora e um sorriso de bondade á cabeceira de cada uma dessas enxergas, o menos que se poderia achar n'esse proceder, era elle assemelhar-se ao de um anjo misericordioso.

Ouvi n'esse dia, um bello rapaz dizer bem contristado: — é doloroso que os infelizes que perdem o juizo e que são recolhidos á este pio estabelecimento estejam azilados em lugares não só inlulubres, como improprios a quem soffre affecções moraes: o contacto do povo accrescentou que zomba e provoca a esses miseros, os torna semiferas, deixando ao estrangeiro que nos expreita, a mais triste prova da moralidade de nossa educação — concordando com este amigo, lembramos ao Excm. Provedor, o tirar esses desgraçados desses porões humidos, transportando-os a peças mais altas, onde o ar seja puro e não impregnado de miasmas; e sobre tudo fôra do alcance das tiros de alguns amaveis que só os podem ganhar, em terem manias menos perigosas.

O anno novo vai a mil maravilhas, Rezes como diz a comadre em triplicata os amigos officiaes do 13, a rapaziada anonima de gondola a baile de Praia Grande, brilhou, e uma comparsa còr de canella: a noite estava Italiana, e os diffe-

rentes grupos além de bem ensaiados souberão aproveitar a urbanidade com que diversas pessoas gradas os obsequiarão; em uma d'ellas deixei-me ficar em baixo da mesa por conveniencia sem duvida, e quando todos os visitantes de cerimonia cançarão de massar, fui-me a uma lingua salpresa e bello vinho, que estava no armario; para isto affirmo que não fui convidado; mas meu estomago não se suppoz zangado.

Como paguei a guarda pude ir ao Menino Deos ver o foguinho; pela manhã uma missa, a tarde um Te-deum em graças pela feliz ausencia da epidemia, e a noite um elegante fogo de artificio.

Não fui eu o unico que me admirei como a população da cidade se transportou toda para os arrebaldes dessa linda capellinha; dois vapores da navegação fluvial em duas viagens não forão bastantes, além das carroagens de todas as classes, desde o clasico coche, até a natural carrossa, por mar em escalleres, lanxas e canôas de toda a bitola, por terra quanta cousa se podia mover; houverão bons ginetes cá da terra, distinguirão-se porém muitos, de uns de Nantes, que chegarão á pouco para o Leão de Ouro.

A festa em geral esteve de bom gosto, a harmonia presidio não só o natal da Magestade Divina, como a visita dos Magos.

A capella estava com elegancia decorada, temos caminhado um pouco pela terra de Colombo e Soliz, e não tememos dizer que não conhecemos um Templo n'essas proporções e recursos, que possa ser mais digno de interesse por sua elegancia bom gosto, e formosa architectura.

Lastimamos que não tenha uma maior praça não só para melhor effeito do edificio, como para commodidade publica, mais meia quadra para cada lado da capella a tornaria ainda se é possível mais linda; dando sem duvida muitas vantagens aos devotos do Menino Deos, São João e Senhora dos Navegantes, patronos daquelle encantador arrebalde.

A esperanza de que este anno tenhamos ainda outra festa, nos leva a pedir a autoridade competente que determine como faz na Europa e mesmo no Rio de Janeiro, a rua ou caminho que deve servir de transito aos vehiculos de commuicação, para evitar que durante a noite se dê algum desastre com aquellas pessoas, e em grande parte, que fazem essa jornada apé; a rua da Imperatriz que vai a Ponte, nos parece a mais p'opria para os que como o Freguez, marchão de infantaria!

Os cavallos a toda brida e o rodar dos carros fazem um éther tão solido que inda hoje dando

um expirro deitei uma bolla de barro pelo meu querido narizinho, (isto é o menos que pôde causar aquella sociedade.) Estava com tenção de dizer-lhes quaes erão as minhas Freguezas mais paquetas nesse dia, não pude, primeiro porque tinha assim meu reccio de ser esmagado por algum amigo montante, ou ser agarrado por algum policial (pois que fui incognito) segundo porque fiz como menino, namorei-me de um penacho que sempre encontro em todas as festividades, quer da cidade quer da roça, e que se não fôra o medo de ser preso lhe mandaria um figurino de Campo, dizendo-lhe por baixo: dispence a ousadia, uniforme de galla alli, é como aquelle negocio do Soirée com as amigas dos brilhantes; isto porém fica em projecto, não quero arrufos com ninguém.

O que lhes affianço é, que se andasso a Vella n'esse dia, dava a Gosfa sem duvida porque na verdade seria um bello naufragio! Os vestidos de bareje e as cadeias de veludo no cabello fizerão cousas que não digo, porque sou de segredo.

O meu cysne não vi, embalde o procurei bastante, com tudo não me affigi porque lá estava um cabrión que cassa Coelhos, que me parece pretende mudar de re-creação.

Um amigo meu e collega tento esticou o postisso o impoeirado colarinho, em frente da sua dulcinéa que o tirou pela orelha fóra; causando formidavel terror as cavallidades que já prevenidas com os foguetes, fizerão que outro amigo, (porém não collega) obtivesse um par de botas de montar de novo gosto, em um tremedal; que sem duvida para contrastar com o pó que tudo envolvia, estava no programma da festa.

Voto pelas barracas com petiscos e refrescos, como votaria futuramente por uns bancos, mesmo toscos, em torno da praça que projecto, imbirro quando vejo as minhas amigas de cocras pela estrada.

Os banhos do riacho, o calor e o querido Soirée, de que tinha já saudades, não me deixão dizer-lhes mais. Domingo lhes contarei entre as cousas boas, uma conquista que fez, o

O Freguez.

Por enquanto para matar o tempo dicifrem a seguinte :

CHARADA.

Sou mais subtil do que o ar
No mundo nada respeito,
Parêdes, chaves, ferrolhos
Para mim não tem effeito.

}
1

Encommodo ao pobre, ao rico,
A mogos, velhos, creangas;
Em toda a parte eu me acho,
Assisto á morte, ás festanças.

Sou uma das cinco irmãs.....

1

Quando eu estou no bilhar,
Sou a primeira no taco.

}
1

CONCEITO.

Tenho a minha lyra d'ouro,
Em que canto com ardôr
A pureza, a formosura
De Persina meu amor.



Romances e Novellas.

CHERUBINO E CELESTINO.

POR

Alexandre Dumas.

Esta traducção, propriedade do Guayba, não poderá ser reproduzida sem previa licença do Editor.

(Continuação.)

Os dois moços trocarão por debaixo de suas grandes

sobrancelhas um olhar rapido como um relampago. O saltador o percebeo.

— Vós me conheceis ? disse elle.

— Não, responderão os moços.

— Quer me conheçais quer não, pouco me importa.

Os homens da montanha são irmãos e devem contar uns com os outros; assim eu conto convosco. Perseguem-me desde hontem como a um animal ferez; tenho fome e sede.....



— Eis ali pão, e eis ali agoa, disserão os moços. O saltador assentou-se, apoiou sua carabina sobre a caixa, armou suas duas pistolas e começou a tarefa.

Quando acabou, levantou-se.

— Que nome tem a povoação onde se descobre uma luz? perguntou elle estendendo a mão para o lugar mais sombrio do horisonte.

Elles fixarão os olhos por alguns segundos no ponto que elle indicava, e o isolarão collocando a mão sobre os olhos, depois se puzerão a rir, porque julgarão que o saltador zombava d'elles: não vião cousa alguma.

Voltarão-se para dizel-o: o saltador tinha desaparecido. Compreenderão então que elle tinha empregado essa astucia para que elles não pudessem ver porque lado se retirava.

Os moços tornarão a sentar-se; depois de alguns instantes de silencio, elles se olharão ao mesmo tempo.

— Conheceste-o? perguntou um.

— Sim, respondeo o outro.

Estas palavras forão trocadas em voz baixa como se elles tivessem medo de ser ouvidos.

— Receia que nós o atraicemos.

— Partio sem nos dizer nada.

— Não deve estar longe.

— Não, porque estava muito fatigado.

— Eu o acharia com facilidade, apesar de todas as suas precauções, se eu o quizesse.

— Eu tambem.

Não disserão mais palavra, porém levantarão-se e partirão cada um para um lado da montanha, como dois galgos em batida.

No fim de um quarto d'hora, Cherubino estava de volta, perto do fogo; cinco minutos depois, Celestino sentava-se a seu lado.

— E então?

— E então?

— Eu o achei.

— E eu tambem.

— Detraz de uma moita de louro rosa.

— Na cavidade de um rochedo.

— Que tinha elle á direita?

— Um aloes em flôr; e que tinha elle nas mãos?

— Pistolas armadas.

— E' isso.

— E elle dormia?

— Como se todos os anjos velassem sobre elle.

— Trez mil ducados, é tanto como ha de estrellas no céu! . . .

— Cada ducado vale dez carlins, e nós ganhamos um carlin por mez; poderíamos viver tanto como o velho Giuseppe e não ganhariamos trez mil ducados em toda a nossa vida.

Calaram-se por alguns minutos. Cherubino foi o primeiro que rompeo o silencio.

— E' difficil matar um homem? perguntou elle.

— Não, respondeo Celestino: o homem é como o carneiro: tem uma veia no pescoço, é necessario cortal-a; eis-ahi tudo.

— Reparaste em Cesaris?

— Tinha o pescoço nú, não?

— Não seria difficil

— Não, com tanto que a faca cortasse bem. Cada um dos moços passou a mão pelo fio da sua; depois levantando-se, olharão-se um instante sem se fallarem.

— Qual dará o golpe pelo dois? perguntou Cherubino.

Celestino ajuntou algumas pedras e apresentou sua mão feixada.

— Par ou não?

— Par.

— E' impar: pertence-te.

Cherubino partio sem dizer palavra. Celestino o vio partir na direcção em que elle sabia que estava deitado Cesaris: depois quando o perdeo de vista divertio-se a lançar no fogo quasi extinto as pedras que tinha ajuntado. No fim de dez minutos, elle vio voltar Cherubino.

— Então? lhe perguntou elle.

— Não me atrevi.

— E porque?

— Dormia com os olhos abertos, pareceo-me que me olhava.

— Vamos juntos.

— Partirão correndo, porém depressa afroucharão o passo; depois caminharão na ponta dos pés; enfim deitarão-se com o ventre contra o chão e forão escurregando como serpentes; depois chegando a moita de louro rosa, como serpentes ainda levantarão a cabeça, introduzirão-se entre os ramos, e descobrirão o saltador adormecido na mesma posição em que o tinham visto.

Então um foi penetrando pela direita e outro pela esquerda por debaixo da abobada: chegando perto d'elle, os dois moços tendo as facas entre os dentes, se levantarão cada um sobre um joelho. O saltador parecia acordado, seus olhos estavam inteiramente abertos: sómente as pupilas estavam fixas.

Celestino fez signal com a mão á Cherubino para que elle seguisse todos os seus movimentos. O saltador antes de adormecer tinha encostado sua carabina na parede do rochedo, e tinha envolvido os fechos com um de seus lenços de seda. Celestino desatou cautelosamente o lenço e o estendeo acima da cabeça de Cesaris, e, vendo que Cherubino estava prompto, elle o abaixou de repente gritando:

— Vá!

Cherubino precipitou-se como um tigre sobre o pescoço do saltador; este deo um grito terrivel e pondo-se de pé todo ensanguentado, andou a roda muitas vezes com a cabeça cahida para traz, descarregou ao acaso suas duas pistolas e cahio morto.

Os dois moços tinham ficado deitados comprimindo a respiração.

Quando elles virão que o salteador tinha cessado seus movimentos, levantarão-se e aproximarão-se d'elle. Sua cabeça só estava preza pela columna vertebral; elles acabarão de a separar do corpo; envolverão-n'a na lenço de seda, e, depois de terem convencido trazel-a cada um por sua vez, partirão para Napoles.

Caminharão toda a noite sobre as montanhas orientando-se pelo mar, que se mostrava a sua esquerda. Ao romper do dia, descobrirão Castro-Villari; mas não ousarão atravessar a cidade, com receio de que o sangue não denunciase o fardo que levavam e que algum salteador do bando de Cesaris não vingasse n'elles a morte de seu chefe.

Entretanto a fome começou a atormental-os; um d'elles resolveo-se a ir procurar pão em alguma estalagem em quanto o outro esperava na montanha; mais quando tinha dado alguns passos, voltou.

— E dinheiro? disse elle.

Conduzirão uma cabeça que valia trez mil ducados, e nem um nem outro tinham um bajocco para comprar pão.

O que tinha a cabeça desatou o lenço, tirou uma argola da orelha de Cesaris e a deu a seu camarada. Meia hora depois o mensageiro estava de volta com provisões para trez dias.

Comerão e puzerão-se a caminho.

Durante dois dias caminharão; durante dois dias deitarão-se como as feras entre moitas ou na concavidade de algum rochedo.

Na tarde do terceiro dia chegarão a uma pequena aldêa chamada Altavilla.

A estalagem estava cheia de archeiros que tinham conduzidos viajantes a Pestum, bateleiros que tinham subido o Sele, e Iazzaroni aos quaes era indifferente viver aqui ou ali.

Os dois moços se installarão em um canto que acharão livre, puzerão a cabeça de Cesaris entre os dois, cearão como nunca o tinham feito, dormirão cada um por sua vez, pagarão com a segunda argola e tornarão-se a pôr em marcha alguns minutos antes de romper o dia.

As nove horas da manhã avistarão uma grande cidade no fundo de um golfo; perguntarão como se chamava: responderão-lhes que chamava-se Napoles.

Elles nada mais tinham que temer dos companheiros de Cesaris. Marcharão pois direito a ella. Chegados á ponte da Madalena, approximarão-se da sentinella franceza e lhe perguntarão em calabrez á quem se ha-

vião de dirigir para pedir a somma prometida ao que trouxesse a cabeça de Cesaris.

A sentinella os escutou gravemente até o fim, depois reflectio um instante, levantou o bigode e disse consigo mesmo:

— É extraordinario, estes folgazões não são mais altos do que a minha patrona e fallão já o italiano. Ora bem, meus rapazes; passai de largo.

Elles que tambem não o comprehendião, repelirão sua questão.

— Parece que teimão, disse a sentinella. E chamou o sargento.

O sargento sabia algumas palavras italianas; comprehendeo a questão, advinhou que o lenço ensanguentado que trazia Celestino continha uma cabeça: chamou seu official.

O official deu aos moços dois homens da escolta que os conduzirão ao palacio onde estava o ministerio da policia.

Os soldados disserão que elles trazião a cabeça de Cesaris, e todas as portas se abrirão diante d'elles.

O ministro quiz ver os bravos que tinham libertado a Calabria de seu flagello, e mandou entrar em seu gabinete Cherubino e Celestino.

Elle olhou muito tempo para os dois bellos jovens de apparencia sincera, traje pitoresco e ar grave; perguntou-lhes em italiano como elles tinham feito, e elles lhe contarão sua acção como se fosse a couza mais simples do mundo. Exigiu a prova do que dizião. Celestino poz um joelho em terra, desatou o lenço, tomou a cabeça pelos cabellos e a poz tranquillamente sobre a escrevaninha do ministro.

Não havia nada que responder a isso, senão pagar a somma.

Entretanto a excellencia vendo-os tão moços, lhes propõe faze-los entrar em um collegio ou em um regimento, e lhes disse que o governo francez tinha necessidade de moços bravos e decididos.

Elles responderão que as necessidades do governo francez não lhes disia respeito, que erão leaes calabrezes que não sabião lêr nem escrever, e que estavam certos de que nunca o aprenderião; que para entrar em um regimento, a vida selvagem á qual estavam habituados não podia dar-se com a disciplina militar, e temião ter pouca aptidão para as manobras e exercicio; mas quanto aos tres mil ducados, era outra couza, e que estavam promptos a recebe-los.

O ministro lhes deu uma tira do papel da largura de dois dedos, tocou a campainha e ordenou que os conduzissem á caixa.

(Continúa.)